

As práticas de prostituição em Cáceres-MT: estigmas e (des) criminalização

RESUMO: Este trabalho objetiva-se analisar as discursividades associadas à prostituição na cidade de Cáceres-MT, tanto a prostituição adulta, quanto também a prostituição infantil, que, nesse caso, por se tratar de menores, há um funcionamento de ação judicial por parte da Polícia, mais precisamente, a Delegacia de Defesa da Mulher. Assim, tomamos, como material de análise, os documentos oficiais: registros policiais e uma notícia veiculada nos jornais de Mato Grosso. Esta pesquisa filia-se à Análise de Discurso de linha materialista, cujo campo de saber congrega o discurso, a linguagem e a história.

Palavras-chave: Análise de discurso. Prostituição. Notícia. Cadastros.

ABSTRACT: *This work objective is analyzing the discourses associated with prostitution in the city of Cáceres - MT, both adult prostitution, as well as child prostitution, which, in this case, because it is smaller, there is a functioning judicial action by Police, more precisely, the Police Women's Defense. Thus, we take as analysis material, official documents: police records and news published in newspapers of Mato Grosso. This research is affiliated the Discourse Analysis of materialist line, whose field of knowing brings the speech, language and history.*

KEYWORDS: *Discourse analysis. Prostitution. Notice. Records.*

Introdução

Historicamente, a prostituição se constitui como algo estigmatizado, ligado às práticas sexuais insubmissas. Segundo Murphy (1994, p. 14-15), no apogeu do império sumério, no quarto milênio a.C., há, uma divisão das mulheres em classes de prostitutas, cada uma com uma finalidade.

O primeiro grupo se limitava a desempenhar funções nos ritos sexuais do templo, enquanto as mulheres da segunda classe se movimentavam por toda a área do santuário e recebiam visitantes interessados em combinar fornicção com religião. A terceira classe de prostitutas, a mais baixa, vivia na área do templo, mas tinha liberdade para procurar clientes nas ruas e alamedas, gozando de péssima reputação.

Notamos como essa divisão deu margem para a divisão de classe das prostitutas que há ainda hoje, pois, o primeiro grupo que desempenhavam suas funções apenas nos

ritos sexuais eram as mulheres consideradas deusas, enquanto que as outras mantinham relações por dinheiro, e tinham assim, péssima reputação. Atualmente, há prostitutas de luxo que ganham muito dinheiro, enquanto há as que vivem na miséria, trabalhando as vezes por uma ninharia para sobreviver.

Desse modo, vemos como foram sendo constituídos os sentidos sobre a prostituição também na atualidade. Em uma entrevista, realizada pelo Labeurb (2006), a prostituta Gabriela Leite expõe que o motivo de se tornar uma meretriz foi uma escolha sua, isso contradiz o imaginário de que as mulheres que se prostituem é porque necessitam, ou seja, uma questão de sobrevivência. Segundo Roberts (1998), antigamente, para a mulher ser independente não havia outra forma de agir a não ser a de se prostituir. Porém, nos dias atuais a realidade é outra, ou parece ser outra, porque o que se tem é a imagem de uma mulher independente que cuida da casa e de si sem precisar da presença masculina. Assim, quando Leite coloca que ser prostituta hoje é uma escolha, o efeito que ela produz é o de apagamento do discurso de culpabilização do sistema capitalista, que foi/é defendido como sendo o indutor dos atos do sujeito, subjugado pelo poder do Estado.

Pensando nessas discursividades, objetiva-se, neste trabalho, analisar as discursividades associadas à prostituição na cidade de Cáceres-MT, tanto a prostituição adulta, quanto também a prostituição infantil, que, nesse caso, por se tratar de menores, há um funcionamento de ação judicial por parte da Polícia, mais precisamente, a Delegacia de Defesa da Mulher. Assim, tomamos, como material de análise, os documentos oficiais: registros policiais e uma notícia veiculada nos jornais de Mato Grosso.

Esta pesquisa filia-se à Análise de Discurso de linha materialista, cujo campo de saber congrega o discurso, a linguagem e a história como sustentação teórica e, ao mesmo tempo, trabalha com a metodologia da interpretação, buscando verificar os efeitos de sentido presentes na relação língua-discurso-ideologia. Desse modo, pensando na questão da contradição, do confronto, que este estudo deverá suscitar, propomo-nos a analisar de que forma se constitui os dizeres sobre prostituição em diferentes materialidades significantes, que, atravessando a história, produz no momento atual, sentidos dos/para os sujeitos. Dessa forma, esta análise possibilitará verificar a produção de sentidos em torno uma questão social, que numa contradição visibiliza sentidos entre o que a sociedade deve fazer e de que maneira a prostituição é tomada no ambiente da cidade.

Por meio da Análise de Discurso de linha materialista, temos como objetivo analisar a (re) significação da prática de prostituição na cidade de Cáceres-MT, através de diferentes materialidades significantes, verificando como ocorre o processo de produção de sentidos desses materiais e como a ideologia interpela os indivíduos cacerenses em sujeitos constantemente produzindo seus efeitos em relação a prostituição na cidade.

1. As diferentes materialidades significantes: registros policiais e mídia eletrônica

Para a análise do presente material valemo-nos da Análise de Discurso (AD), uma teoria que busca a compreensão dos sujeitos e dos sentidos, sendo assim, o sentido, na perspectiva discursiva, é efeito produzido pela inscrição da língua na história e essa inscrição só pode ser vista através da língua, através dos objetos simbólicos, enquanto lugar de materialização da ideologia. Por isso, essa concepção teórica considera que a língua não é transparente, sendo assim, é necessário um dispositivo que auxilie no acesso a sua materialidade, ou seja, a sua discursividade, portanto, o que nos interessa, nessa pesquisa, é compreender, então, como os sentidos são produzidos.

Segundo Orlandi (2007a, p.56) “[...] o objetivo da AD é compreender como o texto funciona, como ele produz sentidos, sendo ele concebido enquanto objeto lingüístico-histórico”. Por isso que Orlandi (2007, p.54) compreende que o texto sendo tomado como objeto histórico, é então tomado como discurso, que para Pêcheux é o efeito de sentido entre locutores, ou seja, é um “[...] processo que se desenvolve de múltiplas formas, em determinadas situações sociais”.

Nessa perspectiva, a Análise de Discurso trabalha com diferentes materialidades e as discutem teoricamente a partir do material que as constitui, pois, “[...] é na prática material significante que os sentidos se atualizam, ganham corpo, significando particularmente” (ORLANDI, 1995, p. 35). Desse modo, a Análise de Discurso compreende que “[...] diante de qualquer objeto simbólico, o homem, enquanto ser histórico, é impelido a interpretar, ou em outras palavras, a produzir sentidos” (ORLANDI, 1995, p. 44).

Desse modo, temos como objetivo analisar diferentes materialidades significantes, que “[...] são diferentes relações com os sentidos que se instalam. São diferentes posições do sujeito, são diferentes sentidos que se produzem” (ORLANDI, 1995, p. 39).

Desse modo, recortamos o cadastro e a notícia, pois retratam o modo como os dizeres do discurso jurídico e midiático formulam sobre a imagem da garota de programa.

1.1. Os cadastros policiais

O ato de se registrar, em sua constituição histórica, não representa apenas um benefício necessário a todo indivíduo, consiste, principalmente na tentativa de manutenção do controle através da identificação do indivíduo. Essa tentativa de controle é vista nos cadastros analisados neste estudo. Esses cadastros funcionavam, então, como uma tentativa de controlar a prostituição não somente na cidade de Cáceres como em todo país.

Esses registros fazem parte do acervo existente no Núcleo de Documentação de História Escrita e Oral (NUDHEO) do Departamento de História da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT – no campus de Cáceres. O NUDHEO conta com um acervo disponível a pesquisadores de todas as instituições, assim, há toda uma organização desses documentos que se encontram disponíveis, tanto na forma digitalizada quanto na sua forma original. Antes de fazerem parte do acervo, esses cadastros faziam parte do Departamento de Polícia Federal (SRD/MT), na cidade de Cáceres-MT, nas décadas de 60 a 70. Por isso, é importante situarmos as condições de produção desses cadastros.

São cadastros que foram produzidos no período que compreende as décadas de 60 e 70 na cidade de Cáceres no Estado de Mato Grosso. A constituição da imagem da prostituta, nos cadastros, marca-se pela contradição entre o que está cristalizado sobre a condição da mulher, a de prostituta, de mãe, de cidadã, etc. Sentidos outros que são silenciados pelos discursos de uma moral, da religião e do social.

Desse modo, na história geral e brasileira, a prostituição, que se constitui nos cadastros policiais, expressa os modos de repressão e de controle de uma dada época, o que ainda é possível observar, pois a lei que vigorava sobre o lenocínio, a de 1940, é a mesma que vigora ainda hoje. Portanto, trazemos esses fatos para pensarmos na situação de Cáceres à época da produção dos cadastros.

No mundo Ocidental, desde sempre, a imagem da mulher e, particularmente, da prostituta é marcada, entre várias representações, por uma aparência (que é da ordem do feminino) e por um modo de agir (que separa, em última instância, quem pode ou não

pertencer à ordem social). Desse modo, a aparência física funciona como primeira instância de julgamento, conforme mostra o trabalho de Maluf-Souza (2000), quando trata da aparência funcionando como espaço de avaliação do crime e da loucura.

As marcas na aparência da prostituta foram tornando-a uma párea para a sociedade, assim, interessa-nos compreender como as marcas no rosto/corpo da prostituta, tal como é descrito no registro abaixo, produzem sentidos que a tomam como algo que deve ser combatido/apartado e, ao mesmo tempo, como um mal necessário para a sociedade.

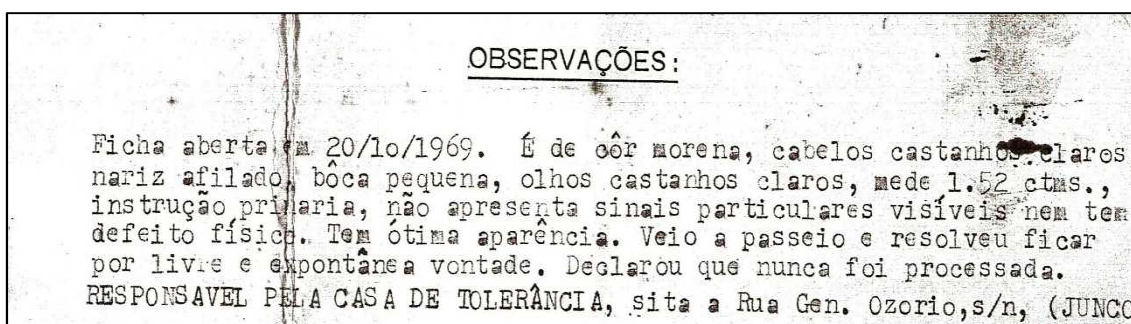


Figura 1: imagem adaptada de um cadastro policial de prostitutas somente com o item “observações”
Fonte: Núcleo de Documentação da História Escrita e Oral – NUDHEO

Na figura 1, podemos afirmar que a imagem a meretriz é algo posto em funcionamento como característica histórica e ideológica no qual a mulher/prostituta se constitui pela aparência. Assim, os dizeres:

- (01) É de cor morena, cabelos castanhos claros, nariz afilado, boca pequena, olhos castanhos claros [...]
- (02) [...] não apresenta sinais particulares visíveis nem tem defeito físico.
- (03) Tem ótima aparência.

produzem efeitos, no qual constatamos que o discurso sobre a imagem feminina, nos cadastros policiais, trava-se em torno de um jogo que determina o poder-dizer sobre essa aparência, significando-a ou ressignificando-a, demarcando a forma como essa aparência deve ser/significar: (03) *Tem ótima aparência* (Figura 1), produzindo sentidos em que ter determinada aparência está relacionado com o comportamento social, histórico e ideológico que cada época, cada momento marca a sociedade.

Nessa direção, o registro policial mostra, na materialidade da linguagem, marcas interessantes e produtivas, pois neles as mulheres fichadas eram descritas pela sua condição física e pessoal.

Nessa relação, o corpo marca o sujeito, diz quem ele é, sua condição social, o meio em que vive. Rosto e corpo instituem, então, pelo que é aparente no sujeito, os modos de sua inclusão/exclusão social. Daí a importância da aparência, do rosto, do corpo, no caso das prostitutas, pois nelas, mais do que nunca, o corpo/rosto ocupa lugar de visibilidade da sua condição.

Essa construção de sentidos sobre a mulher marca-se por um imaginário social, que se materializa nos modos de produção dos cadastros policiais, permitindo que compreendamos que a língua se marca pela incompletude, ou seja, o sentido pode sempre vir a ser outro. Nessa direção, os funcionamentos em torno da condição feminina marcam-se por fortes estigmas sociais, que estão arraigados nas relações sociais, fazendo produzir, sobre a prostituta, um apagamento da função social da mulher como mãe, esposa, sendo esta tomada apenas pela aparência se significando e se ressignificando no momento atual, como veremos na notícia analisada a seguir.

1.2. Mídia e prostituição: a explicitação dos sentidos

Para efeito dessa pesquisa, nos deteremos no *discurso da mídia*, já que as fontes a serem utilizadas são recortes de jornais.

Segundo Indursky (2011, p.1) a sociedade que vivemos tem como principal característica a *informação*, assim, segundo a autora é comum as avalanches de informação que chegam até o público, seja por via televisa, radiofônica ou pela rede mundial de computadores-*Internet*. Nessa direção, a autora afirma o advento da internet

[...] marca a ultrapassagem de um novo limiar. Com ela, enormes redes interinstitucionais se constituem, possibilitando que pesquisadores muito distanciados no espaço possam trocar experiências e tocar em conjunto suas pesquisas. Isso sucede não apenas no campo específico da produção do conhecimento. No âmbito da cultura, esse tipo de interação se faz com grande produtividade também.

Assim, a partir da afirmação da autora é possível identificar que essa característica interfere diretamente na formação de opinião como também nas interpretações de fatos e situações ocorridas no cotidiano, seja de grande importância ou não. Esses sinais dão visibilidade à amplitude das comunicações de informação e gera consequentemente uma rede de dados que irão delinear a sociedade em que vivemos.

[...] a *liberdade de expressão* tem sido invocada para falar “em nome” da *sociedade* e do direito que essa tem de tomar conhecimento e, assim, chega-se à *liberdade de imprensa* e o modo como, para manter a sociedade informada, a imprensa se arroga o direito de definir o que e como devem ser noticiados os fatos. Eis como essas duas expressões são tomadas uma pela outra, produzindo-se entre elas um efeito de superposição do qual decorre o esvaziamento do sentido de *liberdade de imprensa*. E a partir disso, o sentido de *liberdade de imprensa* desliza de *liberdade de informação jornalística*, isto é o direito de publicar toda e qualquer notícia, para o efeito de sentido de *liberdade para publicar se, o que e como quiser*. Por conseguinte, a tão falada neutralidade da imprensa não é mais do que um mito. Mito esse que é invocado a toda hora e alimentado pelo esquecimento de que nada é neutro. A imprensa, ao invocar o mito da neutralidade, cai na armadilha de pensar que a ideologia não existe e que a sociedade é homogênea. (INDURSKY, p. 1-2).

Assim, pela afirmação da autora, não há a neutralidade de imprensa e essa possibilidade torna a imprensa parcial, fato que gera diversos “desconfortos” e “verdades”, que podem prejudicar a formação de opinião da sociedade, privilegiando grupos e pessoas, “[...] Se na grande imprensa brasileira houvesse, de fato, *liberdade de expressão*, ela teria de dar voz aos diferentes segmentos que compõem essa sociedade. No entanto, isso não é constatado, sobretudo quando as questões sociais estão em pauta.” (INDURSKY, 2011, p. 02). Dessa forma, segundo a autora,

[...] os Estudos da Linguagem podem exercer em uma sociedade dominada por uma mídia totalmente enfileirada com os interesses da classe dominante, de modo geral. Esses estudos podem desautomatizar/desnaturalizar os sentidos que entram em circulação pelo viés da imprensa, seja ela falada, televisionada ou escrita, (...) Trabalhar os efeitos de sentido que a mídia aponta como sendo “o” sentido, único e verdadeiro, é um dos papéis cruciais que os Estudos da Linguagem podem assumir. (INDURSKY, 2011, p. 03).

Nessa relação, a notícia que selecionamos para nossa análise, produz sentidos constituídos sobre a imagem da garota de programa, tal como ocorre no cadastro policial:

(04) Uma garota linda, mas ao mesmo tempo problemática.

(05) Aos 16 anos a estudante M, que maquiada parece ter mais de 20, já usa droga, fuma cigarros, bebe uísque e outras bebidas fortes.

(06) Ela está entre um grupo de adolescentes com idades entre 13 a 17 anos que transita entre shoppings, galerias, boates, bares, restaurantes e residências, festas particulares, hotéis de luxo, Pantanal, Cáceres e outras cidades turísticas de Mato Grosso.

(07) São garotas que moram na periferia e que passaram a frequentar lugares que elas classificam como “points” em busca de clientes para programas amorosos.

(08) Elas aceitaram falar depois que uma garota de 15 anos foi currada por três rapazes durante um programa acertado pelo telefone. Todas já sofreram algum tipo de violência durante uma “aventura amorosa”, mas paga. (adaptado de MT

Em (04) *Uma garota linda, mas ao mesmo tempo problemática*, o funcionamento do termo *linda* remete à memória da constituição imaginária da aparência da prostituta, produzindo sentidos em relação ao processo parafrástico e polissêmico com a formulação: *Tem ótima aparência* presente no cadastro policial (figura 1). Ou seja, há uma memória discursiva que funciona no momento atual produzindo seus efeitos em relação a uma constituição histórica e social que determina/determinou uma aparência para a prostituta e por isso, continua a ser reproduzido através de outras formulações. Tudo isso significa a partir de uma formação discursiva, esta se define como aquilo que numa formação ideológica “[...] determina o que pode e deve ser dito” (ORLANDI, 2007, p. 43). Nesse sentido, no discurso sobre/da prostituição, verificamos como são constituídas essas formações discursivas e os efeitos de sentidos produzidos.

Por outro lado, o termo *mas* em (04) subsumi o sentido de *linda* para determinar a garota como *problemática*, o que põe em funcionamento também os sentidos de que ser prostituta é ser alguém que vive na margem da sociedade, cheia de problemas, sendo também problema para sociedade. Nesse caso, temos a formação discursiva da moral social, no qual o comportamento da meretriz não condiz com as normas sociais.

Em (05), a formulação *Aos 16 anos a estudante M, que maquiada parece ter mais de 20 [...]* produz sentidos que se relacionam às formulações (03) e (04) em relação à aparência, pois *maquiada* relaciona-se com dizeres sobre a meretriz ser muito maquiada, usar batom vermelho para chamar a atenção dos clientes, sentidos estes construídos historicamente, e permanecendo na formação imaginária nos dias atuais.

Segundo Orlandi (2007), os dizeres são efeitos de sentidos que são produzidos em certas condições e que estão de alguma forma presentes no modo de dizer, ou seja, há uma relação do dizer com sua exterioridade. Somente nesta relação que os sentidos são produzidos, pois, trata-se de um jogo discursivo, que foca a memória que é a constituição do discurso e o momento da sua formulação, ou seja, o momento do presente em que o discurso se formula sobre as prostitutas e também as suas condições de produção, que envolvem os sujeitos e a situação.

É interessante ressaltar que na atualidade usar maquiagem, usar batom vermelho é algo comum, o que não é repreendido social ou moralmente – como o foi em uma determinada época –, mas ainda sim, a constituição imaginária interpela os indivíduos

constituindo-os em sujeitos através de uma memória em relação à imagem da meretriz produzindo assim seus efeitos. Nesse sentido, tem-se a noção dos esquecimentos, o sujeito possui a impressão de ser a origem do dizer e a ilusão de que o que ele diz possui apenas um sentido. Segundo Orlandi (2007, p. 49) “[...] o trabalho ideológico é um trabalho da memória e do esquecimento pois é só quando passa para o anonimato que o dizer produz seu efeito de literalidade, a impressão do sentido-lá”.

Por outro lado, a formulação (04) também produz efeitos que tentam apagar a problemática na qual a garota entrevistada é menor de idade, ou seja, ao dizer “[...] que maquiada parece ter mais de 20 [...]”, os sentidos produzidos são de que na aparência trata-se de uma pessoa adulta, maior de idade. Essa formulação reitera a problemática sobre a lei do lenocínio, na qual é crime induzir alguém à prostituição, ou seja, a prostituição em si não é crime.¹

Assim, o que é visualizado no recorte não se enquadra mais na lei do lenocínio, mas na lei do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) sobre a exploração sexual infanto-juvenil, mesmo que a aparência seja de uma maior de idade. Percebemos, portanto, os efeitos de sentidos que há entre os locutores, lembrando que a língua não é transparente, e que os sentidos são produzidos pela interpelação do sujeito pela história e pela ideologia.

Em (06) *Ela está entre um grupo de adolescentes com idades entre 13 a 17 anos que transita entre shoppings, galerias, boates, bares, restaurantes e residências, festas particulares, hotéis de luxo, Pantanal, Cáceres e outras cidades turísticas de Mato Grosso*, esses dizeres demonstram as condições sociais e econômicas e a espacialização da prostituição através do turismo sexual. Produzindo efeitos sobre a realidade de Cáceres como um desses pontos.

Segundo o Centro de Referência, Estudos e Ações Sobre Crianças e Adolescentes (CECRIA), uma das dimensões concretas de como o fenômeno da exploração, abuso sexual e maus-tratos se apresenta através do

[...] “turismo náutico”, que acontece em regiões banhadas por rios navegáveis da Região Norte, fronteiras nacionais e internacionais da Região Centro-Oeste e zonas portuárias. Esta prática está voltada para a comercialização do corpo infanto-

¹ Na dissertação de mestrado *Castidade e Luxúria: a constituição da imagem feminina em cadastros policiais* – UNEMAT (2012), as formulações: “É de livre e espontânea vontade”; “ninguém a induziu a tal profissão”, presentes no cadastro policial, são constantes, sempre reiterando sentidos nos quais ser prostituta era uma escolha e não era contra a lei – lei que vigora desde 1940 até os dias atuais – desresponsabilizando o Estado de qualquer obrigação com essas mulheres que, assim, se assumiam como prostitutas por vontade própria apagando todas as condições históricas e sociais que levam essas mulheres a essa condição.

juvenil e começa a desenvolver-se no sentido de atender aos turistas, mas, é a própria população local que se constitui na principal consumidora da prostituição de crianças e adolescentes, nas regiões ribeirinhas. Nos portos destina-se, principalmente, à tripulação de navios cargueiros. (BRASIL, 1997, p.10)

Percebemos, portanto, o quanto o turismo sexual significa as práticas de prostituição em regiões ribeirinhas, incluindo Cáceres-MT. Para que isso continue ocorrendo, os aliciadores contam com as condições socioeconômicas, como observamos em (07) *São garotas que moram na periferia e que passaram a frequentar lugares que elas classificam como “points” em busca de clientes para programas amorosos*. O que faz questionar os modos como a prostituição é tomada como parte de atividades capitalistas na qual se visa o lucro, porém, muitas vezes o lucro não vão para essas adolescentes que são aliciadas a esta atividade.

Outra questão que é muitas vezes silenciada é a violência que essas adolescentes enfrentam como verbalizado em (08) *Elas aceitaram falar depois que uma garota de 15 anos foi currada por três rapazes durante um programa acertado pelo telefone. Todas já sofreram algum tipo de violência durante uma “aventura amorosa”, mas paga*.

Os sentidos do termo *currada*, remetem a uma memória discursiva sobre os dizeres sobre a prostituição. Segundo o Dicionário Houaiss², o termo *currar* significa: *violentar sexualmente uma pessoa, com a cumplicidade de outra(s); estuprar coletivamente*. Currar produz efeitos de animalesco, pois remete a curral, lugar onde ficam os animais, nessas condições a prostituta é tomada como um animal sem direitos e deveres, podendo ser tratada como bem quiser.

Esse tipo de violência é comum, pois a prostituição ainda é tomada como algo ambivalente, não é em si crime, mas a prostituta é taxada, é estigmatizada e o (s) cliente (s) é (são) deixado (s) de lado, havendo, portanto, um silenciamento dos sentidos, é o que Orlandi (2007b) tomaria como política do silêncio, pois o silêncio também significa.

Assim, produzir efeitos de que a prostituição ocorreu/ocorre somente pela parte da prostituta é calar, silenciar sentidos em torno de questões como acabar com a procura dessas meninas, e assim, com a prostituição. Mas isso não faz parte de nossa pesquisa, mas são questões que surgem e que em outro momento podemos retomá-las.

Enfim, essa reportagem ilustra a ambiguidade historicamente produzida sobre a prostituição, pois, é tratada como crime quando se trata do aliciamento, de menores, a

² Dicionário Eletrônico Houaiss da língua portuguesa 3.0.

tal prática. Por outro lado, produz o efeito de descriminalização quando se trata do maior de idade, o que cria uma problemática, devido, na aparência, as garotas menores de idade, projetar uma imagem de uma mulher adulta, apagando, desse modo, sentidos sobre a exploração sexual infanto-juvenil, sendo o cliente sempre silenciado nessas condições.

Desse modo, maneira como os sentidos são produzidos hoje sobre a aparência feminina e a condição da prostituta implica em colocar em funcionamento uma memória que abarca o que, infinitas vezes, foi dito, redito e desdito sobre a imagem feminina, e tudo isso é veiculado pela mídia permitindo diferentes gestos de interpretação, por isso, para Gallo (2011, p. 2)

[...] conhecer esse funcionamento permite ao sujeito leitor das mídias, uma leitura crítica, por meio da qual se pode tomar posição. Não uma posição favorável, ou contrária, em relação ao conteúdo veiculado, mas uma posição mais consciente daquilo que está determinando os seus sentidos, aquilo que permite que determinado texto faça sentido, daquilo que explica por que o sentido é esse, que se apresenta, e não outro.

O que implica ainda o circunstancial em que essa imagem está inserida, ou seja, o social e a maneira como hoje a sociedade visibiliza a imagem da prostituta, enquanto um “artefato” do mercado econômico/social/cultural.

2. Considerações Finais

Ser prostituta, tanto historicamente quanto na atualidade, é colocar-se na visibilidade da contradição, é colocar-se na esfera primitivista, é confrontar permanentemente as relações sociais, as relações de trabalho, os modos de uso do corpo, fazendo dele um espaço de prazer.

Nessa direção, analisar como as práticas de prostituição produzem, na atualidade, sentidos na/para a sociedade, é tratar de um assunto que sempre está presente, desde muito antes, incomodando, perturbando a ordem social, produzindo sentidos e, os modos de produção em torno dessa questão, visibilizam como as práticas sociais tratam desse assunto possibilitando uma mudança, um deslocamento em torno das práticas de prostituição hoje.

Enfim, a prostituição na cidade de Cáceres-MT, também é interpelada por sentidos voltados à estigmatização, ao preconceito, às necessidades econômicas e

sociais, esses dizeres ainda produzem uma contradição em relação à legalização da prostituição, pois, ainda hoje, a lei não proíbe a prostituição em si, sendo considerado crime a indução de outrem a tal ação. O que permite que haja aliciadores que se aproveitam dessa ambivalência entre essa atividade ser criminalizada ou não.

E o que é visualizado pela contradição que a lei produz, reflete nos modos de dizer as práticas de prostituição, assim, em (05) *Aos 16 anos a estudante M, que maquiada parece ter mais de 20, já usa droga, fuma cigarros, bebe uísque e outras bebidas fortes*, tem-se efeitos de desresponsabilização do próprio Estado e até do cliente, pois a aparência que a garota de 16 anos possui é de alguém de mais de 20. Esses dizeres estão interpelados por uma memória constitutiva sobre a aparência e também pela questão da proteção do adolescente, pois como a lei consegue alcançar todos os adolescentes que passam por esse tipo problematização se a aparência retiraria esse caráter de criminalização? Não é proposta de este estudo pensar em tais questões, mas são questões que vigoram nessa ambivalência e que precisariam de mais estudos e reflexões com outras materialidades.

Portanto, compreender o funcionamento dos sentidos sobre a imagem da prostituta, permite deslocar sentidos em relação ao corpo, pois, o corpo marca o sujeito, diz quem ele é, sua condição social, o meio em que vive. Rosto e corpo instituem, então, pelo que é aparente no sujeito, os modos de sua inclusão/exclusão social. Daí a importância da aparência, do rosto, do corpo, no caso das prostitutas, pois nelas, mais do que nunca, o corpo/rosto ocupa lugar de visibilidade da sua condição.

Referências

BRASIL. *Fundamentos e Políticas Contra a Exploração e Abuso Sexual de Crianças e Adolescentes*. Relatório de Estudo. CECRIA: Centro de Referência, Estudos e Ações Sobre Crianças e Adolescentes. MJ/CECRIA. Brasília, março de 1997. Disponível em: <https://www.violes.unb.br/site2/phocadownload/Publicacoes/fundamentos_politicas_e_xploracao.PDF> . Acesso em 12/12/2012.

GALLO, S. L. Qual o papel do estudo científico da linguagem em uma sociedade fundamentalmente midiática? ? In: *Entremeios: revista de estudos do discurso*. v.2, n.1, jan/2011. Disponível em <http://www.entremeios.inf.br>. Acesso em 09 de dez. de 2012.

MT Notícias. “Garotas de 13 a 17 anos são torturadas em programas sexuais”. Disponível em: < mtnoticias.net/site/noticia/13844 >. Acesso em 10 de dez. 2012.

INDURSKY, F. Qual o papel do estudo científico da linguagem em uma sociedade fundamentalmente midiática? In: *Entremeios: revista de estudos do discurso*. v.2, n.1, jan/2011. Disponível em <http://www.entremeios.inf.br>. Acesso em 10 de dez. 2012.

MALUF-SOUZA, O. *As condições de produção dos laudos periciais de indivíduos com suspeição de indivíduos com suspeição de insanidade mental*. Campinas, SP, 2000. Dissertação de Mestrado.

MURPHY, E. *História dos grandes bordéis do mundo*. Tradução de Heloísa Jahn. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1994.

ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 7. ed. Campinas, SP: Editora Pontes, 2007.

_____. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. - 5ª ed. – Campinas, SP: Pontes Editores, 2007a.

_____. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 6ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007b.

_____. “Efeitos do verbal sobre o não-verbal”. In: *Rua: Revista do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade da UNICAMP – NUCREDI*. Campinas, SP, Nº.1, março 1995.

ROBERTS, N. *As prostitutas na história*. Tradução de Magda Lopes. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1998.